



“O ADEUS FINAL À MADAME RIVAIL, UM TRIBUTO DE AMOR”

RELATÓRIO DAS EXÉQUIAS
DA SENHORA ALLAN KARDEC
(REVISTA ESPÍRITA DE JANEIRO DE 1883)



COMPTE RENDU DES OBSÈQUES DE
MADAME ALLAN KARDEC
(LA REVUE SPIRITE, JANVIER 1883)



PRIMEIRA EDIÇÃO

PARIS:

Imprimerie de Lagny

1883



AUTORES ESPÍRITA CLÁSSICOS
www.autoresespiritasclassicos.com

Data da publicação: 14 de julho de 2015

TRADUTOR: Abílio Ferreira Filho

REVISÃO: Irmãos W.

PREFÁCIO: Jorge Hessen

PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com

São Paulo/Capital

Brasil

Dedicatórias

Ao valoroso espírita Abílio Ferreira Filho pela tradução dos textos grandiosos que nos remetem aos espinhos da incompreensão que fizeram parte da estrada do Espiritismo.

(Irmãos W.)



"Se o Espiritismo pudesse ser retardado em sua marcha, não o seria pelos ataques abertos de seus inimigos declarados, mas pelo zelo irrefletido dos amigos imprudentes."

Allan Kardec - Revista Espírita, junho de 1862 - Ensinos e dissertações espíritas - O Espiritismo filosófico.



"Há polêmica e polêmica; e há uma diante da qual não recuaremos jamais, que é a discussão séria dos princípios que professamos. Entretanto, aqui mesmo há uma distinção a fazer; se não se trata senão de ataques gerais, dirigidos contra a Doutrina, sem outro fim determinado que o de criticar, e da parte de pessoas que têm um propósito de rejeitar tudo o que não compreendem, isso não merece que deles se ocupe."

Allan Kardec - Revista Espírita de novembro de 1858

ÍNDICE

Prefácio	06
Carta de Allan Kardec a Amélie Boudet	08
Relatório das exéquias da Senhora Allan Kardec	11
Discurso Improvisado do Ch. Fauvety - Presidente da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos	14
Improvisação da Sra. Sofia Rosen - Sobre o túmulo da sra. Allan kardec.	17
Discurso do doutor-cirurgião, Sr. Josset - presidente da União Espírita Francesa	19
Discurso do Sr. G. Delanne - Membro da União Espírita Francesa	20
Discurso do Sr. Georges Cochet - Pronunciado em nome da União Espírita Francesa da qual é membro	23
Discurso do Sr. Chaigneau - Membro da Sociedade de Estudos Psicológicos e da União Espírita Francesa.....	25
Discurso do Senhor Lecoq.....	28
Discurso do Sr. Carrier.....	30
Discurso do Sr. Louis Vignon.....	31
Encerramento.....	33
Óbito de Amélie Boudet.....	34

Prefácio

Nas homenagens póstumas a madame Rivail, entre grandes nomes, falaram no funeral, Leymarie e Gabriel Delanne, todos fazendo sobressair os reais méritos da sucessora de Allan Kardec. Também foi lida, pelo Sr. Lecoq, comunicação mediúcnica de Antônio de Pádua, recebida em 22 de janeiro, na qual ele descrevia a brilhante recepção de Amélie por Allan Kardec e elevados amigos da Espiritualidade.

O senhor Camille Chaigneau, membro da sociedade de estudos psicológicos e da união espírita francesa, discursou no funeral: « Irmãos e Irmãs espíritas, quando a morte se denomina separação, a morte é um luto e uma catástrofe para a generalidade dos homens; malgrado as potentes consolações do espiritismo, ela é um dilaceramento mesmo para nós espíritas. Quando a morte se denomina reunião, ela é uma luz e uma apoteose. E hoje, partilhados entre sentimentos diversos, dos quais um nos faz provar a impressão de um vazio doloroso, e outro que nos leva acima de nós mesmos até contemplar nos esplendores espirituais a alegria de uma alma que voa em direção ao companheiro que partiu antes dela, não devemos, antes de tudo, nos colocar acima de nossos próprios remorsos e sorrir estoicamente na felicidade dessa alma?

Lembrou Chaigneau que “nela, Allan Kardec ainda estava presente entre nós, e, como ela representava o culto de sua memória, ela representava a fidelidade à sua obra. Do mesmo modo, para nós, filhos da família espírita, sua partida é um luto, como tinha sido um luto a partida de Allan Kardec. Mas é próprio do espiritismo acender a luz que se desprende dos sofrimentos, e não estaríamos à altura dos ensinamentos que recebemos, se não soubéssemos nos penetrar da lei de imortalidade que transfigura todas as provas.”

A biografia de Amélie Gabriele não é senão uma história de seu devotamento de cada hora a Kardec, esse benfeitor da humanidade que foi seu esposo, - devotamento à sua vida, devotamento à sua memória. As mulheres, na História da Humanidade, sempre estiveram em planos secundários. Desenvolveram suas funções e contribuíram para a História, nas mais variadas formas. Um criaram os grandes reis, outras, homens ilustres, nas áreas das ciências, artes, na política. E, tivemos aquelas que, nos bastidores, deram suporte para que vultos eminentes brilhassem.

Amélie foi professora de Letras e Belas Artes, tinha dotes para poesia e desenho, escreveu três livros: Contos primaveris (1825); Noções de desenho (1826) e O essencial em belas artes (1828). Como só as grandes mulheres conseguem, Amélie, corajosamente, se colocou ao lado do marido. Kardec passou a fazer a contabilidade de casas comerciais e traduções. Ela, sabedora do coração generoso e preocupado do marido com a instrução de crianças e jovens, colaborava na preparação de cursos gratuitos, ministrados na própria residência do casal, à noite, e que funcionaram de 1835 a 1840.

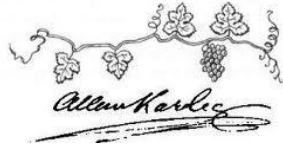
Madame Rivail, além de conselheira, foi a inspiradora de vários projetos que Kardec pôs em execução. Leymarie, que privava da convivência do casal, declarou que o Codificador tinha em grande consideração as opiniões de sua esposa. Mas havia uma missão muito maior destinada a esses dois corações que se amavam e que amavam a Humanidade. O chamado se deu, em 1854, com o fenômeno das mesas girantes, que Rivail passou a observar e pesquisar.

Lançado O livro dos Espíritos, em 18 de abril de 1857, assinando como Allan Kardec, foi no apartamento do casal que se efetuavam sessões bastante concorridas, exigindo de Madame Rivail uma série de cuidados e atenções que, por vezes, a deixavam extenuada.

Confessa o Codificador na Revista Espírita, junho de 1865: “(...) Minha mulher (...) aderiu plenamente aos meus intentos e me secundou na minha laboriosa tarefa, como o faz ainda, através de um trabalho frequentemente acima de suas forças, sacrificando, sem pesar, os prazeres e as distrações do mundo aos qual sua posição de família a havia habituado.”

Com a desencarnação de Kardec, ela deu continuidade ao seu trabalho, com desinteresse e devotamento, fundando a Sociedade para a continuação das obras Espíritas de Allan Kardec, destinada à vulgarização do Espiritismo, por todos os meios permitidos pelas leis. Assim, a Revue Spirite continuou a ser publicada, como as demais obras de Kardec e todos os livros que tratassem a respeito da Doutrina Espírita.

São Paulo, 09 de julho de 2015
Abílio Ferreira Filho, Irmãos W. e Jorge Hessen



Carta de Allan Kardec a Amélie Boudet

Nos anos de 1860, 1861, 1862, 1864 e 1867, Allan Kardec, aproveitando as férias da Sociedade Espírita de Paris, deslocou-se da capital francesa para visitar, no interesse do Espiritismo, algumas cidades do interior da França e da Bélgica.

Conforme ele nos conta em um opúsculo de sua lavra, (1) tais viagens tinham o objetivo de dar instruções onde elas se fizessem necessárias e instruí-lo acerca do progresso da Doutrina Espírita nas regiões visitadas. O codificador queria ver as coisas com seus próprios olhos, a fim de julgar do estado real da Doutrina e a maneira pela qual era compreendida e praticada; estudar as causas locais favoráveis ou desfavoráveis ao seu desenvolvimento, sondar as opiniões, apreciar os efeitos da oposição e da crítica. Desejava, acima de tudo, apertar as mãos dos confrades e exprimir-lhes pessoalmente sua mui sincera e viva simpatia, em retribuição às tocantes provas de amizade que lhe davam em suas cartas. Enfim, testemunhar gratidão e admiração a pioneiros que não mediam esforços nem sacrifícios para que a revelação nova se difundisse por toda parte.

Allan Kardec aproveitava o clima ameno dos meses de agosto e setembro para empreender essas viagens. Até onde sabemos, com exceção da realizada em 1867, quando temos notícias do casal em Tours, (2) Amélie Boudet permanecia em Paris enquanto o marido se deslocava pelo interior do país. Correspondiam-se por cartas, uma das quais temos a satisfação de traduzir, graças ao empenho do confrade Charles Kempf, que a copiou do francês e no-la enviou.

Eis, na íntegra, o seu conteúdo, pela primeira vez em língua portuguesa:

Marennes, 8 de outubro de 1862.

Minha boa Amélie,

Embora nada tenha de particular a te contar, aproveito uma pequena pausa para te dar notícias, que, aliás, são sempre boas, visto que continuo perfeitamente bem.

Cheguei ontem às 18 horas. O Sr. Blanchard veio buscar-me de carro à descida do vapor. Mal tive tempo de jantar antes de comparecer à reunião, que começou às 20h30 e se prolongou até às 23h30. Se eu não a houvesse dado por encerrada, ninguém teria saído dali.

Havia cerca de 60 pessoas, incluindo cinco habitantes de Méchey [Meschers-sur-Gironde?] dentre os quais o tabelião Drouhet, um de nossos assinantes. Viajaram oito horas para chegar a Marennes, e, como tivessem compromisso no dia seguinte, retornaram a uma hora da madrugada. É a isso que se pode chamar zelo, fé, como a confirmar o que diziam da facilidade com que o Espiritismo se espalha na região da Charente [Poitou-Charentes, sudoeste da França].

Fui acolhido com muita simpatia. Hoje vou almoçar na casa da senhora em que ocorreu a reunião. Excelente médium, sofre, da mesma forma que Anaïs, de uma dor no pé atribuída a uma antiga entorse, mal para o qual declaram os médicos não saber o que fazer, pois os meios utilizados para tratá-la só fizeram agravar a moléstia. De algum tempo para cá, ela segue as prescrições de seu guia espiritual e está melhor. Não sofreu tanto como Anaïs, porém, mal consegue dar alguns passos em seu quarto. Pobre Anaïs, como a lamento e como sinto por sua família! Recomende-me a eles. Parto depois do meio-dia para Rochefort. Amanhã, dia 9, estarei em Saint Jean d'Angély, onde sou aguardado com impaciência, conforme me escreveu de Bordeaux o presidente da sociedade espírita. Por certo, aí não serei menos bem recebido do que alhures. Se minha viagem é cansativa, posso dizer, do ponto de vista da satisfação, que nada tem deixado a desejar. É uma série contínua das mais tocantes demonstrações de simpatia. E nem falo dos discursos; dariam um volume.

Adeus, boa Amélie, deixo a pena porque vêm buscar-me para o almoço. Escreverei de Angoulême para te avisar a hora da minha chegada.

Esqueci-me de falar que as pessoas da casa na qual vou almoçar disseram-me que se sentiriam encantadas em te conhecer e muito felizes se me acompanhasses na próxima viagem. Saúdam-te em meu nome, assim como à esposa de...

[Assinado] Allan Kardec

[P. S.] Rogo transmitas aos membros da Sociedade [Parisiense de Estudos Espíritas] quanto lamento não ter podido retornar a Paris para participar das primeiras sessões; o interesse do Espiritismo me reterá alguns dias ainda longe de meus colegas. Que aceitem minhas desculpas...

Estas cartas de Allan Kardec a Amélie Boudet são mais comuns do que se pensa. Reformador já publicou uma delas, (3) datada de setembro de 1863 até então inédita no Brasil. Nessa ocasião, ele se encontrava recolhido em seu retiro de Sainte-Adresse, nas praias da Normandia, envolvido com a preparação, em segredo, da edição princeps da Imitação do evangelho segundo o espiritismo, que viria a lume no ano seguinte.

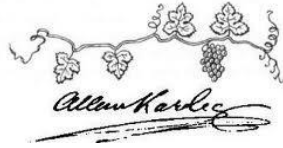
REFERÊNCIAS:

(1) KARDEC, Allan. Viagem espírita em 1862 e outras viagens de Kardec. Trad. Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2007. pt. Viagem Espírita em 1862, cap. Impressões Gerais, p. 46 e 47.

(2) SAUSSE, Henri. Biografia de Allan Kardec. Trad. Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2012. Prefácio de Léon Denis à edição de 1927, p. 13.

(3) KEMPF, Charles. Como Allan Kardec preparou O evangelho segundo o espiritismo. Trad. Evandro Noleto Bezerra. Reformador, ano 132, n. 2.224, p. 17(399)-20(402), jul. 2014.

Evandro Noleto Bezerra – Email: enoletob@gmail.com
Fontes: Revista Reformador / julho 2015



RELATÓRIO DAS EXÉQUIAS DA SENHORA ALLAN KARDEC

Amélie-Gabrielle Boudet, viúva do Codificador da Doutrina Espírita, faleceu no dia 21 de janeiro de 1883, às cinco horas da manhã, com 88 anos de idade; seu espírito usufruiu de uma rara lucidez até os últimos dias de sua existência terrestre. A Sra. Allan Kardec conservava todas suas faculdades físicas, pois que, em sua idade avançada, ainda lia e escrevia sem ajuda de óculos; as últimas cartas que ela enviava a seus amigos, em dezembro de 1882 e janeiro de 1883, provam o quanto ela possuía completo uso de suas forças materiais e intelectuais.

A Sra. Rivail (Allan Kardec) era o doce reflexo do nobre lionês, um homem de bem, um pensador renomado cujo nome é popular nos quatro cantos do mundo; foi difícil para ela, que era doce e caridosa com os humildes.

Os espíritas de Paris acompanharam ao cemitério de Père-Lachaise os restos mortais dessa inesquecível octogenária; eles honravam a memória da amável dama que, para todos, tinha um sorriso gracioso e agradável, que sabia consolar, aconselhar, acalmar os corações doloridos com uma graça toda particular das damas de outrora, graça que nossa geração cansada não encontrou ainda.

As coroas e as flores cobriam o carro mortuário; tinham vindo de Paris e de várias cidades eram solicitados os nomes das coroas sobre as quais fossem inscritas as denominações das Sociedades de Toulouse (círculo da Moral espírita), dos grupos de Lyon, de Nantes, da Bélgica, etc., etc.

Os delegados da Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec, secundados pelos espíritas parisienses, tinham preparado a tocante cerimônia à qual assistiam, em lugar de indiferentes, corações emocionados pela boa e afetuosa lembrança, almas dos quais vibravam em reconhecimento.

Alguns, os mais velhos, tinham conhecido o Sr. e a Sra. Allan Kardec, seja antes de 1855, seja após a época em que esse grande filósofo dava ao espiritismo uma base sólida e definitiva; estes sabiam que as provas não tinham faltado a esse casal corajoso, enérgico, que seus negócios com os amigos, foram arruinados, seja pela má-fé, seja por ruínas comerciais

devidas às revoluções políticas. O Sr. Rivail (Allan Kardec), linguista, pedagogo e gramático distinguido, editou alguns volumes que fizeram-no uma celebridade, entre outros gramáticos recomendados pelo ministro da Instrução pública, guias usuais de ensino, de ciência, de preparação a altos estudos, os cursos tão renomados do Sr. Lévi Alvarés; foram anos de luta; mas eles se amavam, se estimavam: a mulher de espírito superior secundava o homem, o robusto trabalhador que procurava as brechas, muito largas, feitas à sua fortuna por depósitos falsos ou infelizes; a Sra. Rivail era econômica, ativa, encorajava o esposo, ajudava-o em tudo, semelhante à formiga paciente que, após desmorronar todo seu trabalho, o reconstitui fio a fio, sem jamais se desesperar em ver o coroamento.

Quando, em 1855, o Sr. Rivail se ocupou do espiritismo, com numerosos sábios, a reconstituição de sua fortuna se efetuava com dificuldade, preocupado pelo que ele tinha empreendido, indeciso, duvidava e se perguntava se a nova fenomenologia seria levada a sério; muito perseverante todavia, pesquisador e verdadeiro investigador, ele soube tirar o diamante de seu sangue; o primeiro Livro dos Espíritos foi publicado em 1857; sua mulher o incentivava a esses nobres e belos estudos que, se exigiam da parte do pesquisador uma atenção, uma aplicação sustentadas, lhe davam como recompensa a quietude do espírito e a explicação racional das leis da vida.

A Sra. Allan Kardec secundava seu marido, servia de secretária, lhe dava sua opinião ao que o Mestre considerava de grande importância e levava em conta. Graças a ela ele editou, em 1860, o Livro dos Espíritos, o mesmo que lemos atualmente na 29ª edição, ainda na 30ª, ele tinha interrogado aos invisíveis com uma reserva prudente, com sabedoria e condensou seu ensinamento, nesse livro hoje traduzido para todas as línguas européias, com uma lógica servida por um largo espírito de coordenação.

Antes de 1858, foi proposta a Allan Kardec fundar a Revista espírita; sua hesitação foi natural, pois, não acreditando em sua vitalidade, ele não ousava abandonar o trabalho cotidiano que lhe permitia viver honestamente, para abordar o desconhecido e talvez a desilusão. Aí, ainda, a Sra. Allan Kardec foi de uma admirável vontade e coragem; foi ela quem decidiu dedicar-se a essa publicação, a desafiar o ridículo com que as pessoas encaram toda novidade nessa França onde aniquila infalivelmente;

após os Espíritos darem sua opinião não o pressionam, deixando-o livre para ser o operário da nova obra.

No terceiro caderno da Revista Espírita, Allan Kardec falou de sua reencarnação; desde então, alguns espiritualistas anti-reencarnacionistas o abandonaram, recusando-lhe todo apoio, a menos que ele negasse a pluralidade e a sucessão de existências da alma na terra.

Allan Kardec protestou, apoiou-se no raciocínio, na palavra dos espíritos, na lógica, mas foi tudo em vão; entregue a si mesmo, abandonado pelos antigos amigos, com sua digna esposa ele lutou, soube se poupar, sofreu e foi enfim o senhor da situação; secundado como ele era por um ser frágil e forte, um verdadeiro coração de esposa que não regateava nem afeição profunda, nem a cooperação tenaz e salutar, ele traçou seu sulco e é em vão que os adversários quisessem hoje apagar o glorioso traço, renovador e regenerador.

Os espíritas do mundo inteiro veneram igualmente Allan Kardec e sua fiel companheira, eles sabem que se seus restos mortais são colocados sob esse dólmen, seus espíritos serão inseparáveis na erraticidade onde Deus os recompensa, onde eles velam por sua obra que nos legaram, que nós continuaremos todos com ardor para o bem e o progresso da humanidade.

Após ter ressaltado essas lembranças em uma improvisação rápida, o Sr. P.-G Leymarie, que falava em nome de todos os espíritas e da Sociedade que ele administra, fez a prece pelas almas que acabam de deixar a terra; depois os discursos seguintes foram pronunciados após a leitura dos principais despachos enviados de todas as partes.



Discurso Improvisado do Sr. Ch. Fauvety

PRESIDENTE DA SOCIEDADE CIENTÍFICA DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

Senhoras, Senhores, irmãos e irmãs em humanidade.

Eu tomo aqui a palavra em nome da sociedade de estudos psicológicos, não para vos falar dessa cujos restos mortais saudamos – eu não conheci a senhora Allan Kardec – mas para dizer algumas palavras da obra de Allan Kardec. Eu não posso, aliás, senão rejubilar-me com a alma da morta falando do homem eminente do qual ela foi a digna companheira.

Todos vós que aqui estais, vós vos honrais em ser os discípulos de Allan Kardec. Como tais, vós sois os continuadores de sua obra e os representantes de sua doutrina. Essa obra é grande.

O espiritismo, como o compreendeu vosso Mestre, e como ele expôs em suas obras, abre uma nova fase ao espírito humano. É o ponto de partida, ao mesmo tempo religioso e social, de uma nova ordem.

O espiritismo pertence à religião do porvir, a essa religião que não é particularmente uma sucedânea de uma forma religiosa que já fez seu tempo, mas a religião em si mesma concebida independente de dogmas, de opiniões e de crenças, que ela deixa livre a consciência de cada um. Ela é a religião em sua amplitude porque liga o presente ao passado e ao futuro, porque ela se confunde com a solidariedade universal e que mostrando a vida na morte e dando um corpo aos desencarnados, faz comungar juntas as almas de todos os tempos e de todos os países, associa assim todas as gerações à obra humanitária e faz, realmente, de todos os homens, estejam eles materialmente vivos na terra, estejam em sua atmosfera etérea no estado de espíritos, os membros do mesmo corpo, todos interessados igualmente ao progresso, ao talento, à ascensão de sua humanidade comum.

Se eu vos falo aqui da doutrina espírita e de seu alto alcance social e religioso, é justamente porque a hora e o lugar são solenes e que convém vos relembrar, ao pé do túmulo de seu fundador, a grande tarefa que ele vos

legou e a responsabilidade que pesa sobre aqueles que se dizem os discípulos e os representantes.

A árvore está plantada sem dúvida, mas é preciso regá-la, o cultivador para fazê-la crescer no solo desfavorável de nosso meio social tão fraco, tão céptico, tão perturbado, tão corrompido pelo espírito de luxo e os apetites materiais.

A árvore, aliás, é sempre julgada pelos seus frutos. Se vós que sois crentes e convictos da verdade da doutrina e a professais abertamente, vós não podeis dar o testemunho em seu favor, se não vos fizerem ser observados pela pureza de vossos costumes, a honestidade de vossa conduta, a probidade de vossos atos. Se vos faltar a benevolência e a caridade fraternal, se vós sois vistos competindo uns com os outros, que idéia quereis que se faça de uma doutrina que terá produzido tais frutos?

É porque eu me dirijo a todos vós, neste cemitério, enquanto que vós tendes vos reunido em torno desse dólmen, túmulo de Allan Kardec, para depositar junto de seus restos os despojos mortais daquela que foi a companheira de sua vida terrestre, e em presença de todas essas almas, escapadas vivas dessas covas inumeráveis que não contêm senão a poeira do que foi uma forma humana, em presença daquele que vós chamais de o Mestre e cuja alma nos escuta sem dúvida e plaina sobre nós, eu vos imploro mostrar benevolência uns com os outros, de não condenar mutuamente vossas intenções e de vos abster desses maus propósitos que, o mais frequentemente, começam por não ser senão um leve traço, mas que, passando de boca a boca, terminam por formar uma grossa injúria ou uma mortal calúnia sob a qual vosso irmão, gelado, talvez mortalmente, terminará por sucumbir.

Enfim, meus caros correligionários, retenhais pelo menos esse pensamento que o mal que fazeis a vossos irmãos, vós o fazeis mesmo por causa mesmo que quereis servir. Amai-vos, então; permaneçei unidos pelo coração, mesmo que vós vos separeis para caminhar por sendas diferentes com um objetivo comum que vós quereis atingir, que é a difusão, a propagação da verdade que trazeis ao mundo.

Enfim, lembrai-vos de que as almas são sempre idênticas a si mesmas, embora renascentes em novos organismos, que os homens são assim com os membros de um mesmo corpo, que é o da humanidade presente, passada

e futura, e que os membros de um mesmo corpo não podem se salvar uns sem os outros. Assim, o quer a lei de solidariedade universal.



Improvisação da Sra. Sofia Rosen

SOBRE O TÚMULO DA SRA. ALLAN KARDEC

Caros irmãos, caras irmãs em crença,

Os discursos já pronunciados por vários de meus amigos me deixam quase nada para dizer sobre o solene evento que nos reúne.

Entretanto, vós me permitis, não é? Como irmã, como mulher, sobretudo, a oferecer uma homenagem do coração à companheira de Allan Kardec, o grande Iniciador; pois não somente não podemos senão lhes ser agradáveis honrando-os em um mesmo pensamento de gratidão e de amor, mas a obra à qual se consagraram os dois parece ser as premissas do franqueamento definitivo que a Humanidade deverá algum dia aos esforços reunidos do homem e da mulher.

Menos feliz que a maior parte dentre vós, caros amigos, eu pouco conheci a Sra. Allan Kardec. Sua idade avançada a isolava de nossas sessões tardias; mas cada vez que as festas comemorativas nos agrupavam, aqui ou alhures, a digna mulher encontrava a força para vir até nós; ela tinha para cada um aperto de mão, um sorriso benevolente, uma palavra amável; e, quando mesmo estava ausente, em aparência, a sociedade espírita, inteira, sentia planar sobre ela com os eflúvios do Mestre, as simpatias da nobre viúva, égide tutelar que nos cobria com sua doce proteção.

Agora, seu generoso coração cessou de bater e o túmulo de seu esposo, aberto para recebê-la, vai se fechar sobre seus despojos... Ah! Não lastimemos de modo algum essa mulher que, mesmo após sua partida daqui, continua a obra providencial! Em sua bela velhice ela foi abençoada entre todos!

Ela tinha visto a valente mão de seu marido lançar, através da tempestade, uma semente predestinada ao solo da Humanidade; ela tinha visto essa semente germinar, criar seu frágil caule batido pelos ventos, crescer galhos, depois ramos; estender ao longe suas sombras, tornar-se uma árvore imensa onde se abrigarão as gerações futuras e produzir, enfim, à face do mundo,

essa flor radiosa, desabrochada ao sol do Ideal, e que se chama a Imortalidade!!

Sim, a Sra. Allan Kardec tinha visto tudo isso: ela podia partir! Então, ela dormiu do sono da terra, para despertar logo para a vida do espaço onde a esperava seu bem-amado.

E agora, ó Kardec! tu provas as felicidades do reencontro... Mas, não nos abandones na obscuridade de nossas sendas! Sustenta-nos na luta diária contra nós mesmos! Retifica nossos erros, perdoa nossas faltas! Comunica a nossas almas o fogo sagrado, a faísca divina que fará de nós os apóstolos dessa Verdade da qual foste o Messias. Possamos seguir fielmente o rastro luminoso que tu nos traçaste! Possa, enfim, sob teu influxo potente, se elevar logo o dia em que nós teremos para nós um só coração para amar o bem, uma só vontade para cumpri-lo.



Discurso do doutor-cirurgião, Sr. Josset

PRESIDENTE DA UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA

Caros irmãos e irmãs,

O espiritismo acaba de sofrer um golpe cruel pela morte corporal da Sra. Allan Kardec, a digna companheira de nosso venerado Mestre.

Essa separação nos é penosa, porque tínhamos, por essa que acaba de deixar a terra, um sentimento de profunda veneração: ela era para nós como um resto vivo de Allan Kardec. Dotada de um caráter elevado e de um espírito justo, ela deu freqüentemente úteis conselhos.

É realmente uma verdadeira perda que acaba de provar o mundo espírita; pois essa cuja partida deploramos, por sua única presença em nosso meio, parecia tornar nossos esforços mais potentes para propagar a boa nova. Mas é preciso que nos resignemos; e aliás, reunida à admirável legião que preside seu ilustre marido, ela derramará sobre nós sua benevolente proteção.

Meus caros irmãos e irmãs, saibamos tirar coragem na desgraça, bondade de uma tristeza; unamo-nos, amemo-nos uns aos outros, e quando nos afastarmos desse túmulo, que é também do Mestre, cada um de nós leve, em seu coração a inquebrantável resolução de lançar no meio das trevas que abafam o mundo, a chama resplandecente da verdade!



Discurso do Sr. G. Delanne

MEMBRO DA UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA

Senhoras, Senhores, Irmãos e Irmãs em crença,

No último domingo, faleceu na aldeia Ségur, a mulher superior que foi a companheira devotada daquele cujo nome, na história, aparecerá ao lado dos grandes missionários da Humanidade. Sem desejar aqui pronunciar um discurso, permitam-me relembrar, em algumas palavras, as virtudes daquela que acaba de voltar à grande pátria espiritual.

A Sra. Allan Kardec foi verdadeiramente a mulher forte segundo o Evangelho; a companheira do grande vulgarizador do espiritismo, ela adotou suas idéias; ela empregou todas as suas energias ao estudo dos novos princípios; ela venceu os preconceitos de seu século e de sua educação, e se elevou por sua vontade, até a altura do espírito de nosso Mestre; ela provou em seguida, pelo apego profundo que ela guardou pela sua maneira de ver, que o espiritismo tinha penetrado vivamente em seu coração. Sim, essas grandes e sublimes verdades que nossa filosofia professa, lhe deram a coragem de secundar corajosamente o propagador da nova fé, e de apoiá-lo nas lutas freqüentes tão rudes do apostolado.

A companheira de um homem superior sente que lhe incumbem deveres particulares; não somente ela tem, como toda esposa devotada, a tarefa de rodear de amor e de providências, mas ela tem a mais a santa missão de fortalecer sua alma nas horas dolorosas da prova; ela deve acalmar as cruéis feridas que são feitas no coração dos campeões do progresso, o ódio e o sarcasmo; ela deve encontrar as boas palavras que são para a alma bálsamos soberanos; ela deve enfim, por sua energia, recuperar as forças ao atleta fatigado.

A Sra. Allan Kardec foi essa mulher: ela não falhou na alta missão que lhe foi confiada. Durante as viagens de seu marido através da França, ela o envolveu com sua solicitude e sua perspicácia, desconcertando frequentemente, pela segurança de seu julgamento, aqueles que queriam especular sobre a bondade tão conhecida do Mestre.

Foi verdadeiramente um grande espírito aquele que animou estes despojos mortais; alimentada do ensino de nossos guias, ela ornou sua inteligência e seu coração de preceitos de amor e de fraternidade que são a essência de nossa filosofia.

Allan Kardec se inspirou em sua inteligência tão justa para a confecção de suas obras; ele não publicou nada sem tê-la consultado, e frequentemente aproveitou as opiniões que lhe fornecia a retidão de julgamento de sua companheira. É por isso que temos uma dupla perda nesse momento: a de uma mulher de coração, devotada a nossas idéias, e a de uma colaboradora do homem de gênio de que sentimos falta.

A morte veio para levá-la à terra como o fez com seu marido, sem longas dores que fazem da agonia uma coisa mais terrível que a morte em si mesma; ela deixou, por assim dizer, subitamente seu envoltório e levantou vôo no espaço, a pátria de todos nós.

Nós não aprendemos com sua partida sem ficarmos profundamente emocionados. Nós a conhecíamos como amiga, por ter sido sempre ao mesmo tempo apreciar seu grande coração, e malgrado a certeza de que ela está feliz, lamentamos sua morte pelos infelizes que tinham encontrado nela, ajuda e socorro. Ela tinha certa caridade ativa que consola, mais ainda pela palavra que pelos dons materiais, tanto que deve ser hoje um dos mais bonitos florões de sua coroa espiritual.

Desde a morte de Allan Kardec, sua viúva vivia de forma retraída, cercada de velhos amigos de seu marido; ela esperava com prazer o momento de juntar-se àquele a quem tinha tanto amado; ela seguia com um olhar atento os interesses de nossa querida doutrina, e deplorava com freqüência que a idade a impedisse de lhe consagrar mais tempo; mas seu coração e sua alma não deixaram um só instante de pertencer inteiramente ao espiritismo.

Ela terá tido a suprema satisfação de morrer tendo a certeza de que a obra de seu tão querido marido jamais perecerá; ela assistiu com felicidade ao renascimento do movimento espírita na França e no estrangeiro. Ela voltou à vida espiritual, feliz de ver as idéias de nosso Mestre propagadas de novo com redobrado zelo. Não choremos por isso sobre esta tumba. Em conseqüência dos princípios que professamos, elevemos nossos corações aos espaços celestes. Roguemos ao Deus todo-poderoso que permita a essa querida alma de nos visitar com freqüência e retomar, com seu bem amado

marido, a direção espiritual do espiritismo que fez sua felicidade aqui no mundo, e que será sua glória mais pura no além-túmulo.



Discurso do Sr. Georges Cochet

PRONUNCIADO EM NOME DA UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA DA QUAL É MEMBRO

Senhoras, Senhores, Irmãs e Irmãos na Solidariedade Universal,

Esta a quem nós viemos prestar um supremo pensamento à hora da partida, cumpriu valorosamente sua tarefa terrestre, que não encontramos para saudá-la senão palavras de fé triunfante.

A Sr. Allan Kardec era a digna companheira do Mestre que imprimiu neste século um prodigioso impulso em direção à vida superior, do Filósofo que soube conduzir as almas ao sentimento da Imortalidade destinada. Ela tinha abraçado antes de tudo nossas crenças, essas crenças doces e fortes que tornam fáceis os grandes deveres. Também foi ela sempre uma ajuda e um apoio àquele que tinha consagrado seu repouso, seu trabalho, sua vida à grande obra da propagação espírita. Ela tinha compreendido a total potência dessa idéia, que deve renovar a face do mundo; e simplesmente, nobremente, como seu marido se devotou inteiramente, ela também se devotou inteiramente. Uma existência tão corajosamente repleta merecia desde aqui em baixo a recompensa de uma velhice prazerosa e serena. Pudemos admirar a lucidez de espírito, a delicadeza de intuição, a retidão de julgamento que essa mulher superior conservou até à sua libertação terrestre.

Na derradeira hora em que com freqüência as coragens falham, as energias enfraquecem, os princípios se calam, os deveres se obscurecem, nos momentos de perturbação em que a alma se debate entre os últimos laços corporais, ela encontrava palavras de consolação para os que ela deixava de luto; ela os animava pela certeza de suas crenças. Sua última palavra foi o grito de libertação: um apelo confiante a seu marido, ao Espírito bem-amado que ela ia reencontrar.

Tal morte após tal vida é a mais admirável lição, é o mais alto exemplo. A fé que, após ser afirmada nas lutas da existência, se confirma ainda no seio da eternidade, a fé que coloca sobre os lábios que vão se fechar para sempre

o cântico da imortalidade, a fé dessa mulher forte que, ao se desligar dos preconceitos, das superstições dogmáticas, soube abraçar os mais puros conceitos espiritualistas, a fé dessa Viúva, entrando triunfalmente na vida superior onde a espera o esposo, se impõe à nossa admiração como o mais belo espetáculo da toda potência de nossa doutrina, e nos penetra de uma respeitosa veneração.

Ide, Espírito liberto, ide, ó nobre Irmã! Prosseguir, para além de nossos entraves terrestres e em comunicação com o Mestre, a Verdade a que tão valorosamente serviu. Nós vos saudamos, grande Alma, no desabrochar de vossas faculdades potencializadas: Nós vos saudamos na felicidade e na glória de vossa ascensão.



Discurso do Sr. Chaigneau

MEMBRO DA SOCIEDADE DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS E DA UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA

Irmãos e Irmãs espíritas,

Quando a morte se denomina separação, a morte é um luto e uma catástrofe para a generalidade dos homens; malgrado as potentes consolações do espiritismo, ela é um dilaceramento mesmo para nós espíritas. Quando a morte se denomina reunião, ela é uma luz e uma apoteose. E hoje, partilhados entre sentimentos diversos, dos quais um nos faz provar a impressão de um vazio doloroso, e outro que nos leva acima de nós mesmos até contemplar nos esplendores espirituais a alegria de uma alma que voa em direção ao companheiro que partiu antes dela, não devemos, antes de tudo, nos colocar acima de nossos próprios remorsos e sorrir estoicamente na felicidade dessa alma?

Com certeza, teríamos querido poder reter muito tempo entre nós, a companheira venerada de nosso iniciador bem-amado. Sua presença era a presença visível de Allan Kardec. Seu nome, no nosso meio, era ainda como a bandeira que valeu a pena e que deve ser honrado; era um sinal de reunião, um centro, um foco. Nela, Allan Kardec ainda estava presente entre nós, e, como ela representava o culto de sua memória, ela representava a fidelidade à sua obra. Do mesmo modo, para nós, filhos da família espírita, sua partida é um luto, como tinha sido um luto a partida de Allan Kardec. Mas é próprio do espiritismo acender a luz que se desprende dos sofrimentos, e não estaríamos à altura dos ensinamentos que recebemos, se não soubéssemos nos penetrar da lei de imortalidade que transfigura todas as provas. Nós elevaremos assim nossos olhares para esquecer a grande dor da família que ficou na terra, nós nos transportaremos pela comunhão de pensamento nessa outra família, que é ainda a mesma, e que reúne radiosas liberdades de espaço; e aí veremos afluir essa imensa assembléia de Espíritos de luz, todos esses trabalhadores do espaço que colaboraram na obra fundamental do espiritismo moderno, todos os divulgadores zelosos que partiram para ir

encontrá-los, após uma vida de devotamento sobre a terra. Eles aqui estão por legiões, acima de nós, atraídos por essa suprema cerimônia nupcial que não parecia aos olhos dos homens senão como uma cerimônia funerária; eles se agrupam com simpatia e deferência, formando como uma gigantesca auréola, e no centro não vos parece ver, nas irradiações de triunfo multiplicadas por essas afeições infinitas, não vos parece ver aquele que foi um intérprete de gênio para todas as grandes inteligências do espaço reunidas a essa que o apoiou valorosamente nas horas difíceis de sua sublime missão e exalando com amor das últimas fadigas da matéria? Sim, esse espetáculo que vê nosso pensamento, essa visão que é para nós uma certeza, graças aos trabalhos desse que nós vimos saudar aqui em sua companhia, essa libertada para a vida imortal, nos consola nossas penas e nos fortifica; e não podemos senão associar aos grandes pensamentos que nos chegam de regiões invisíveis, nessa hora solene.

Que seria possível acrescentar, falando do ponto de vista da terra? Outros vos têm dito a vida desta que acaba de nos deixar materialmente, para isso tiveram que nos redizer a vida e a obra de Allan Kardec, pois as duas existências não fazem senão uma e a biografia da senhora Allan Kardec não é senão uma história de seu devotamento de cada hora a esse benfeitor da humanidade que foi seu esposo, - devotamento à sua vida, devotamento à sua memória.

Para os que entraram na carreira espírita quando o iniciador aí não estava mais, eles devem se apagar diante de seus idosos quanto ao cumprimento dessa tarefa. Seu único direito, seu único dever é de se inspirar nesse túmulo que encerra duas memórias em uma, e de seguir o duplo rasto luminoso que dele se desprende para ligar todos os nossos corações à grande falange dos Espíritos de progresso. E não é um fato notável que no momento em que a morte nos tira esse que representava ainda visivelmente a nossos olhos o nome de Allan Kardec, um grande impulso se produziu de todos os lados da parte dessa falange para ativar o prosseguimento da obra de Allan Kardec seguindo a marcha que ele inaugurou? Pois, nós não devemos esquecê-lo, a filosofia espírita não é uma filosofia puramente especulativa; é uma filosofia ao mesmo tempo racionalmente e viva; o espírita não proclama somente a vida dos mortos: ele vive com eles e trabalha com eles; sua tendência é organizar a comunicação prática entre a terra e o espaço; seu objetivo é realizar a solidariedade efetiva e consciente da humanidade

integral, sob seus dois aspectos: encarnado e desencarnado. Os filósofos podem ter com o espiritismo afinidades de anastomose e de preciosas simpatias; mas o espiritismo inaugurado por Allan Kardec tem seu caráter próprio em que importa levar em conta a continuação dessa obra.

É porque, penetrados do apelo dos grandes gênios agrupados e harmoniosos no mundo invisível, imbuídos da razão dos filósofos, transportados do ideal dos sociólogos, iluminados pela chama dos espíritos de amor, fortificados dos fluidos viris dos que foram grandes entre os homens de ação, não podemos nos impedir de sentir senão que algo potente levanta a Humanidade; e, do mesmo modo que essa potência não pode ser plenamente compreendida senão pelo espiritismo, o espiritismo pode aí encontrar uma força prodigiosa.

O espiritismo crescerá, o espiritismo grandemente conhecido se tornará mesmo a vida da Humanidade, porque ele é a ressurreição de todas as forças humanas desaparecidas e esvanecidas na morte. Unamo-nos na ressurreição dos séculos para potencializar o presente, unamo-nos na vida efetiva com os gênios do passado para engendrar o porvir, unamo-nos na obra começada por aquele que abriu a rota entre a terra e as regiões outrora misteriosas, e unamos sempre à sua lembrança aquela da valorosa campanha que foi seu suporte em sua missão e que será sua graça radiosa na imortalidade.

J. Camille
Chaigneau



Discurso do Senhor Lecoq

Caros encarnados,

Não venho, em discurso, tentar enumerar todas as virtudes praticadas, durante seu longo exílio na terra, pelo caro espírito que nos deixa.

Elas estão presentes em todas as memórias, ficarão gravadas em nosso pensamento para nos servir de exemplo.

Meu objetivo, tomando da palavra, é ler uma comunicação que nos fez a propósito um grande espírito bem conhecido de todos nós, que a acolheu em sua volta à grande pátria.

Essa comunicação, ou antes essa revelação, nos faz presenciar os primeiros passos, na vida espiritual, do espírito do qual nos separamos hoje por algum tempo.

Adeus, viúva de Allan Kardec! Adeus.

22 de janeiro de 1883. – Ela está feliz, meus amigos, pois os espíritos estão ao seu redor e a prodigalizam de carícias, desejando-lhe a boa vinda, a guiam na nova vida para fazê-la compreender o por que de tudo o que a envolve; chegando à nova morada, à primeira vista é a surpresa das coisas inesperadas, mas os olhos do espírito se abrem pouco a pouco, reconhecem o que já viu, e o ser se dilata, se reaquece aos raios de todas as afeições.

Quando ela abriu os olhos na erraticidade, Allan Kardec estava perto de sua companheira fiel, e o passado pareceu se apagar com o espectro da terra; mais sofrimentos e provas inerentes ao nosso pobre planeta.

Ela possui essa existência tão bela para quem soube merecê-la pela sabedoria cumprida, a prática das virtudes, tudo o que ensina a religião do verdadeiro, a vontade de se elevar na luz.

Não chorem, espíritas meus irmãos, quando se lança um espírito na direção dos mundos mais luminosos que o nosso; se a prova foi suportada pacientemente, com energia, com os amigos espirituais, festejem para a recepção celeste da alma bem-amada.

Em torno dessa tumba, onde se espremem os encarnados e o desencarnados, agradeçamos, com um mesmo sentimento de amor, Deus

que a livrou de seus laços da alma que aspirava a liberdade. Antoine de Padoue



Discurso do Sr. Carrier

Caro espírito da Senhora Allan Kardec, é com um profundo respeito que vimos vos testemunhar nossa simpatia; fostes a digna esposa do fundador da Revista Espírita, e, por vossa bondade, vosso devotamento à santa causa do progresso moral vós mereceis todo nosso respeito.

Nós vos devemos nosso reconhecimento por ter fundado a Sociedade da qual sois membro, e que deve continuar a reprodução das obras fundamentais da doutrina espírita.

As sábias precauções que tomastes nos tranqüilizam quanto ao porvir; o espiritismo, essa crença que responde pela razão e pelo estudo dos fatos, nos é cara a todos os títulos tanto quanto é consoladora em nossas provas cotidianas.

Esperemos, caro espírito venerável, que Deus vos permita voltar entre nós que temos necessidade de vossos bons conselhos; é o voto de todos vossos amigos e irmãs em crença cujo pensamento vos segue. Adeus, mestre Allan Kardec.



Discurso do Sr. Louis Vignon

AO CARO ESPÍRITO QUE FOI A SENHORA ALLAN KARDEC

Companheira devotada do grande missionário,
Aceitai o adeus que acabamos de vos dar,
Pois vós muito merecestes do doce revelador
Que partilhando sua vida, partilhou seu coração!...
Liberai vos do corpo, alma generosa!
Ganhais com alegria a esfera mais feliz
Para reunir-se Àquele que nos mostrou o Bem
E para formar ainda um casal aéreo!
Falar dEle, é falar de vós : Minha lira
Para vós somente uma voz cuja grandeza o inspira...
Às vezes o Todo-Poderoso faz passar entre nós
Um Espírito que nos torna mais doce o destino,
Um inspirado que luta com sua fé fecunda
E fala combatendo os preconceitos do mundo:
Sua frente tem o raio flamejante e sagrado
Como o tinha Jesus quando estava inspirado:
Faísca saindo da Divina chama
Cuja viva luz ilumina sua alma:
Eis aqui a verdade (diz ele), que se faz dia!
Mas é preciso praticar a Caridade, o Amor!
Combatentes do Dever, soldados do Pensamento,
Lede, a livro aberto, em vosso destino,
Fazei o bem, procurai o verdadeiro... Eis aqui minha mão
Para seguir do Progresso o radioso caminho:
Os Espíritos deram, por sua filosofia
Um potente específico ao mundo na agonia!

A todos os dois:

Reuni-vos então, simpáticos Espíritos
Para lançar vossos clarões aos terrenos escurecidos:
Nossas almas de encarnados se tornarão sérias,
Nossos ignorantes saberão, por vossas vozes generosas,
Que é preciso vencer o Mal que tanto nos faz sofrer:
Avancemos, por nossos esforços, em direção ao belo porvir!...
Glória a vós!... mas que digo eu, para que nossos louvores?
Do Deus que vós servis, tornar-vos-eis Anjos
Oh vós que desprezastes a fútil fama
Que a glória terrestre ligou ao vosso nome,
Vós, que murchar o orgulho de nela viver
Vós gravitais todos os dois em direção a Glória eterna!

Louis Vignon.



ENCERRAMENTO

Após a leitura desses versos, o Sr. De Warroquier rezou o Pai Nosso, tal como está escrito em o evangelho segundo o espiritismo, por Allan Kardec. Cada um levou uma impressão salutar dessa cerimônia espírita, havia emoção em todos os semblantes.

Os endereços dos delegados dos grupos belgas reunidos em Bruxelas, os membros da Federação espírita de Charleroi, as Sociedades de Ostende, Gand, Mos, Liège, Chênée, Seraing, Poulseur. Nossos amigos da Itália, os espíritas de todas as cidades da França, da Espanha, de Portugal, da Inglaterra, da Alemanha, da Holanda, Rússia e Noruega, de inumeráveis cartões de visita vindos de todos os países onde o espiritismo dos seguidores, provam toda a simpatia dos adeptos de Allan Kardec para sua Viúva e o profundo reconhecimento que eles conservaram para os grandes trabalhadores de nossa causa.

Em nome da Sociedade, agradecido por todas essas demonstrações tão fraternas de unidade na dor e da prova; nossos amigos compreendendo a impossibilidade que temos em responder a cada um de nossos F. E. C. receberão com essa brochura, os desejos de todos os irmãos de Paris que os representavam na exéquias.

Para os irmãos da Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec.

Sra. Marina Leymarie,
Sras. J. Guérin, Vincent,
Vautier, Joy, P-G. Leymarie.

Paris, 22 de janeiro de 1883

Boudet 162
+ mabij

Le mardi huit cent quatre vingt trois, le vingt deux Janvier
des heures qui suivent, a été de Paris de Gabrielle Boudet
Boudet, âgée de quatre vingt sept ans, veuve, née à Thiais
(Seine), décédée en son domicile à Paris, Avenue de Sègur n° 39,
hier matin à six heures; fille de père et mère dont les noms ne sont
pas connus; venue de Denizard, Hippolyte Léon
Rivail. Dressé par Claude, Arthur, Pougy,
adjoint au Maire, officier de l'état civil de Paris, avec l'assentiment
de Paris sur la déclaration de Pierre Gaëtan Leymarie
à ce obligé, et de Hubert Joly, juge de paix de Paris, marmoriste, demeurant
rue du Faubourg Saint Antoine 175, qui ont signé avec nous après lecture
P.G. Leymarie Joly A. Pougy

Óbito de Amélie Boudet

Partida da fiel companheira

Catorze anos depois da desencarnação de Allan Kardec, sua fiel companheira vai-lhe ao encontro. Esse período foi de muita luta em defesa da memória do Codificador e dos ideais da doutrina por ele codificada. O registro do óbito aqui apresentado foi fornecido a Luciano dos Anjos por Jorge Damas Martins e conseguido após pesquisa pela Internet com Stênio Monteiro de Barros. "BOUDET 162.

No ano de mil oitocentos e oitenta e três, aos vinte e dois de janeiro, às dez horas da [noite] manhã. Ato de Falecimento de Amélie Gabrielle Boudet, com oitenta e sete anos, com rendas próprias, nascida em Thiais (Seine), falecida em seu domicílio, em Paris, Avenida de Sègur nº 39, ontem pela manhã, às seis horas, filha de pai e mãe cujos nomes não nos são conhecidos, viúva de Hippolyte Léon Denizard Rivail,. Lavrado por nós, Claude, Arthur, Pougy, adjunto do maire, funcionário do Estado civil do Sétimo distrito de Paris, pela declaração de Pierre Gaëtan Leymarie, casado, de cinquenta e seis anos, publicista, morando na rue des Petits Champs 5 e de Hubert Joly, com sessenta e dois anos, marmorista, morando na rue du Faubourg Saint Antoine 175, que assinaram conosco após a leitura. P.G. Leymarie, Joly, A. Pougy."